

A Terceira Margem... divide opiniões

PRÉ-ESTREIA DO FILME BRASILEIRO MAIS AGUARDADO DA TEMPORADA FAZ CINE BRASÍLIA REVIVER CLIMA DE FESTIVAL

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Parecia noite de festival. Um Cine Brasília abarrotado esperava pelas imagens de *A Terceira Margem do Rio*, 16ª longa-metragem de Nelson Pereira dos Santos. A expectativa era enorme. Na platéia estavam os ministros Luiz Roberto Nascimento e Silva e Mauro Durante, atores brasileiros (à frente Henrique Rovira e Marilene Vicentini), cineastas (Vladimir Carvalho, Roberto Pires e André Luiz de Oliveira) e o próprio Nelson, misturando ansiedade e calma.

No final, as palmas vieram sem empolgação. Na saída, a perplexidade. A maioria decepcionou-se com o filme. Mas houve quem gostasse (veja depoimentos). Exausto, Nelson recebeu abraços de amigos e garantiu ter "gostado muito" da receptividade do público brasileiro. Definiu as palmas como "calorosas".

Depois que ele se retirou o ti ti ti continuou no confortável hall do Cine Brasília. O que mais se ouvia era o tradicional "não gostei". Só um brasileiro, o roqueiro Hilton Costa, da banda Vagabundos Sagrados, teve coragem de externar sua opinião. Os outros — que criticaram em especial "o pouco rendimento dos atores brasileiros, o ritmo lento da história e o tratamento pouco roseano (o filme baseia-se em cinco contos de Guimarães Rosa)" — preferiram o anonimato.

Cerimônia — De leve, com tampa de luva de pelica, o Pólo de Cinema e Vídeo do DF vingou-se da Riofilme, empresa da Prefeitura carioca que lhe deu uma senhora rasteira. A estréia nacional de *A Terceira Margem...* aconteceu no Rio. Brasília ficou com a segunda pré-estréia.

Quem prestou atenção no texto lido com elegância e comedimento pelo mestre-de-cerimônia, Cristiano Menezes, viu-o listar os patrocinadores do filme e omitir a empresa carioca. Depois de avisar que *A Terceira Margem...* estréia no Cine Brasília, dia 20, data de sua exibição na 44ª edição do Festival Internacional de Berlim, Cristiano convidou Nelson ao palco. Sob aplausos, o cineasta agradeceu o apoio da Prefeitura de Paracatu e do Pólo de Cinema e Vídeo do DF e aos comerciantes, artistas e técnicos que o ajudaram. E fez menção especial ao povo de Sobradinho, cidade-cenário da parte brasileira do filme.

Aos 64 anos, com carreira sólida a respaldado (afinal, é autor de *Rio 40 Graus*, *Vidas Secas*, *O Amuleto de Ogum* e *Memórias do Cárcere*), mesmo assim Nelson derramou humildade em suas poucas palavras: "Meu filme, quero lembrar a todos, é uma fábula sobre o Brasil. Vocês, que são brasileiros, não se espantem com as liberdades geográficas. Os personagens tomam um ônibus num determinado lugar do Plano Piloto e em seguida estão em outro lugar, num percurso impossível". Mais não disse. Retirou-se do palco e, com calma aparente, sentou-se para ver a segunda sessão pública de seu regresso (depois de sete longos anos) ao cinema.

Na platéia, emocionados, estavam atores, co-



Sonja Saurin e Ilya São Paulo em *A Terceira Margem do Rio*, que entra em cartaz dia 20 no Cine Brasília



O diretor Nelson Pereira dos Santos disse que os aplausos do público brasileiro foram "calorosos"

merciantes e autoridades paracatuenses. "Em março" — avisou Maria das Graças Jales, diretora da Casa da Cultura do Município — "vamos promover, em praça pública, graças ao Cinema Voador, a pré-estréia de *A Terceira Margem do Rio*."

Mas hoje estamos aqui (vieram 20 paracatuenses num ônibus), pois nossa vontade de conhecer *A Terceira Margem do Rio* e rever Nelson, que passou dois meses trabalhando conosco, era imensa".

DEPOIMENTOS

Vladimir Carvalho, 57 anos, cineasta — "*A Terceira Margem do Rio* é uma súplica da obra de Nelson. Ele foi ao fundo do Brasil. Eu, que sou leitor de Rosa, percebi coisas que não havia percebido antes. Percebi que se pode levar os personagens dele para o mundo urbano, sem alterar suas essências. Na passagem do rural para a cidade periférica, Nelson constrói um filme *aventuroso*. O Ilya São Paulo está formidável na pele do vaqueiro Liojorge. Maria Ribeiro, a mãe, é magnífica. A menina Nininha (Bárbara Brant, de quatro anos) é um encanto. Nelson fez um filme reflexivo, cuja estratégia é ir nos cercando aos poucos, até chegar ao clímax. Está tudo lá. Nesta hora em que o cinema brasileiro luta para renascer, Nelson, como *Nininha*, foi um milagreiro".

Hilton Costa, 26 anos, guitarrista da banda Vagabundo Sagrado — "Não gostei. Sei que é difícil fazer cinema no Brasil de hoje, pois a barra está muito pesada para a produção cultural. Acho que faltou dinheiro ao Nelson. Ele podia ter feito um filme bem melhor. Achei a fotografia mal enquadrada, a trama desigual, a trilha sonora fraca e pouca. Parece que o Milton não teve tempo de compor. Fez tudo de qualquer jeito. A gente percebe a trilha no começo, com a música *A Terceira Margem do Rio*, parceria de Milton e Caetano Veloso. Depois, ela fica a meia-boca. Gostei da parte dos assentamentos da periferia de Brasília. Eles são daquele jeito mesmo. São piores que os morros cariocas. Conheço bem Sobradinho II. Já toquei lá. É uma poeira infernal. Entre os atores, gostei do Renato Matos e do Nélio Lúcio".

Mauro Durante, 50 anos — Ministro-titular da Secretaria Geral da Presidência da República — "Gostei demais do filme. É emocionante. Creio que assistimos aqui ao marco do ressurgimento do cinema brasileiro. E este renascimento começa pelas mãos de um mestre, pois é isto que o Nelson é. Um mestre. Como mineiro, me emocionei com a trama, inspirada no grande Guimarães Rosa, com a magnífica trilha do Milton Nascimento e com o trabalho dos atores. A menina, Bárbara Brant, é encantadora. A fotografia também é muito boa. A paisagem mineira está bem registrada. Olhe, acho que o Nelson vai ganhar algum prêmio em Berlim. Ele soube, com equilíbrio, dosar realidade e magia. Um filme que foge do espetáculo e fala fundo ao espírito".

Ana Maria Faloão, 50 anos, tradutora — "A fotografia do filme na parte rural me chamou bastante atenção. É muito bonita. As imagens do rio são lindas. A seqüência em que Liojorge persegue a vaca pitanga montado a cavalo, dentro da água, é excelente. A trilha sonora, nesta hora, cresce muito. As primeiras falas da mãe de Liojorge (Maria Ribeiro) são proverbiais, bem *roseanas*. Depois que o filme vem para a periferia da grande cidade, os diálogos mudam bastante. E ganham obviedade dispensável. O roteiro poderia ter investido mais na imaginação do espectador. Muita coisa ali não precisava ser dita. Entre os atores, os destaques são Maria Ribeiro, Ilya São Paulo e Bárbara Brant. Esta menina é ótima. A cena em que o caixãozinho dela sobe aos ares, na poeira, ficaria melhor se

colhida por um redemoinho".

João Antônio, 47 anos, ator — "*A Terceira Margem...* não é um filme para causar impacto. Ele tem o ritmo do rio. Sua fruição se dá aos poucos. Como o rio, ele caminha tranquilo. Até a violência é mostrada de forma surda. Os atores rendem bem. Para mim, os destaques são Ilya São Paulo e a menina Bárbara Brant. Dirigir criança é muito difícil. E Nelson conseguiu um grande resultado. A direção da multidão que cerca a milagreira no assentamento periférico também é boa. Nelson obteve um bom desempenho dos figurantes. O ribeirinho que interpreta o pai de Liojorge, aquele que busca a terceira margem do rio, dá seu recado com eficiência. Buscar realismo no filme é bobagem. Nelson trabalhou o não-realismo. A ficção poética".

Fabiola Thomas, 37 anos, arquiteta — "Gostei do filme. Não vejo problemas de ritmo. Para mim, ele tem seu próprio tempo. Um tempo que obriga certa calma para melhor fruição. Para mim, o protagonista Liojorge foi bem interpretado pelo Ilya São Paulo. Ele rende bem. Toma o filme e se dá por inteiro ao personagem. Maria Ribeiro é maravilhosa. Vejo divisão clara entre a fase rural do filme e a fase urbana. Isto me incomodou um pouco. Mas acho que Nelson foi ousado ao trazer personagens de Guimarães Rosa do sertão para a cidade. Para mim, ousadas são sempre bem-vindas. Dos créditos técnicos, destaco a fotografia (Gilberto Azevedo e Fernando Duarte) e a trilha sonora do Milton Nascimento. Só acho que faltou mais música ao filme".

Uma mistura coerente que carece de relevo

SÉRGIO MORICONI
COLABORADOR

O último filme de Nelson Pereira dos Santos, *A Terceira Margem do Rio*, distingue-se pela ousadia de imbricar cinco contos de Guimarães Rosa extraídos do livro *Primeiras Estórias*. Era um projeto que o diretor acalentava há anos. Surpreende que tenha resolvido realizá-lo em meio a maior crise enfrentada pelo cinema brasileiro em todos os tempos. Este não é um dado acessório, dadas as peculiaridades dos textos escolhidos. A fantasia tresloucada de Guimarães exige igual equivalência na sua transposição cinematográfica. Isso custa dinheiro porque requer um cuidadoso trabalho de pré-produção, onde o tratamento que se quer dar deve ser exaustivamente discutido com toda a equipe.

Embora digna de mérito, alguns aspectos materiais e de concepção conspiram contra a obra. Nelson alinhavou o roteiro em dois ambientes distintos: campo e cidade. Em Guimarães, a cidade está aludida apenas de passagem. Para o cineasta ela toma proporções gigantescas. Nelson redimensiona o drama do escritor levando em consideração o Brasil moderno, o que não deixa de ser coerente com a sua posição de cineasta sintonizado com a dramática realidade brasileira. Algumas das melhores cenas são aquelas rodadas na cidade cenográfica que simula um assentamento da periferia de Brasília; apesar de talvez darem a impressão de que foi uma recada irrisível de quem não pode deixar de pensar o País sem levar em consideração um engajamento político.

Seria tal liberdade uma traição a Guimarães? De forma nenhuma, desde que os personagens mantenham sua coerência interna. Apertadamente, e paradoxalmente, eles estão mais coerentes na cidade do que no campo. A realização cinematográfica está mais rica, livre e insinuante longe do ambiente rural. Nelson encontrou um brilhante encadeamento narrativo entre as histórias originalmente passadas na roça. Duas delas pelo menos são fundamentais. *A Terceira Margem do Rio* — que dá título ao filme — apresenta Liojorge (Ilya São Paulo), um dos filhos do barqueiro que um dia resolve sumir rio abaixo sem dar a menor satisfação, nem para a mulher nem para ninguém. O rapaz permanece durante anos esperando pela volta do pai, depositando diariamente um prato de comida debaixo de uma pedra na beira do rio. Algum tempo depois, se casa e tem uma filha, Nininha (Bárbara Brant), que se revela milagreira e causa de todos os problemas posteriores de Liojorge e de sua família.

Mistura coerente — No livro *Nininha* aparece em *A Menina de Lá*, Nelson a transforma na filha de Liojorge com a moça (Sonja Saurin) do conto *Seqüência*, um que fala de uma vaca fujona perseguida por um vaqueiro que, no filme, é o próprio Liojorge. A misturada das histórias — que ainda inclui *Os Irmãos Dagobé* e *Fatalidade* — é coerente, mas carece de relevo. Mesmo que de maneira tosca, pode-se dizer que os personagens estão mais para Graciliano Ramos do que para Guimarães Rosa. São os mencionados aspectos de concepção que pegam. Todas as situações descritas por Guimarães são essencialmente lúdicas. Os indivíduos se inserem num quadro de total primitivismo psicológico, como que produtos de um estágio proto-civilizatório. Para nenhum deles existe a possibilidade de um raciocínio lógico. Vivem num estado de consciência nebulosa e mística que os faz vítimas do imponderável, do impalpável.

Poucas imagens ilustram tão bem esse estado mágico, insólito, como o da vaca-cupido que conduz o vaqueiro para encontrar sua amada. O filme de alguma forma dissipa a dimensão poética da prosa de Guimarães. Em muitas outras partes, principalmente do início, se acomoda em corretas passagens do tempo narrativo e deixa de contemplar com a devida correspondência o impacto que o extraordinário dos fatos narrados desperta. Para citar um exemplo, os primeiros "milagres" de Nininha não causam a perplexidade que deveriam provocar. De um modo geral, o absurdo, que em Guimarães Rosa é hipostasiado pela linguagem originalíssima, não recebe sua correspondência no filme. Há a exceção do fim, quando Nelson "inventa" imagens, bem a altura do desvario do escritor, colocando uma escola de samba na cena do caos apoteótico provocado pela recusa da "santinha" em continuar a fazer milagres. A bem da verdade esse não é o único bom momento do filme. Se Nelson não contou completamente com os poderes de Nininha, nesses tempos bichudos *A Terceira Margem do Rio* merece sua justa parcela de reconhecimento. De outra parte igualmente merece destaque parte do elenco de atores brasileiros, especialmente Henrique Rovira.